

O PAPEL MATERNO NA FAMÍLIA DE BAIXA RENDA: UM ESTUDO TRANSCULTURAL

THE MATERNAL ROLE IN THE LOW INCOME FAMILY: A TRANSCULTURAL STUDY

EL ROL MATERNO EN LA FAMILIA DE BAJO INGRESO: UN ESTUDIO TRANSCULTURAL

Luiza Akiko Komura Hoga*
Luz Angélica González Muñoz**
Eduardo Mandiola Muñoz***

RESUMO: Trata-se de um estudo transcultural sobre o papel materno na família. O objetivo foi compreender e descrever as similaridades e diferenças existentes nos papéis desempenhados pelas mães em famílias de dois agrupamentos culturais, sendo uma da Cidade de São Paulo, Brasil (A) e o outro da Cidade de Valdivia, Chile (B). A etnoenfermagem foi adotada como método de pesquisa, conforme proposto por Leininger. Os temas culturais foram "Tomar conta para os filhos irem bem na vida" (A) e "Salir adelante" (B) ou, ir em frente, avançar. Os temas culturais revelam a essência do papel materno nas duas culturas, que se traduz pela constante busca do bem-estar e felicidade dos filhos. As diferenças sutis percebidas nos temas culturais refletem a realidade socioeconômica distinta, vivida pelas mães de cada contexto estudado. Os resultados e suas implicações para o cuidado cultural são discutidos.

PALAVRAS CHAVE: Mães; Família; Comparação transcultural; Antropologia cultural.

INTRODUÇÃO

A promoção da saúde da família necessita preliminarmente de sua visualização como parte integrante de um contexto social mais amplo. Munóz; Reckmann; Alberdi (1995) consideram a saúde familiar como um tema fundamental da atualidade, visto os graves e emergentes problemas que nela gravitam e acabam interferindo em seu bem-estar. Tal contextualização é fundamental na formulação de programas educacionais e de apoio à família, sejam elas públicas ou de caráter privado (Weiss, 1989). A dinâmica familiar interna, como a sua inter-relação com os demais fatores constituintes da sociedade, ao serem conhecidos, permitem uma forma de promoção da saúde familiar mais significativa e portanto, mais eficiente. Os papéis desempenhados pelos membros da família são, ao mesmo tempo, estáveis em certos aspectos e dinâmicos e em constante movimento de transformação. Tais características requerem que os profissionais identifiquem as várias atribuições em curso e mantenham permanente atualização sobre as mudanças ocorridas.

Um estudo historiográfico sobre o trabalho feminino e a família descreve que em diversos países europeus do século XIX, o espaço doméstico era a unidade básica de produção, e naquela época, já se insinuavam as diferenciações dos papéis sexuais e a atividade feminina limitava-se ao espaço doméstico (Bruschini; Rosemberg, 1982). Outra pesquisa mostrou que 80% das mulheres trabalhadoras encontravam-se em ocupações de baixo prestígio e remuneração, onde a combinação das tarefas domésticas com atividades de geração de renda poderiam estar justificando a elevada porcentagem de mães inseridas no mercado informal. A posição ocupada pela mulher na família e na estrutura social determinam sua participação em atividades produtivas fora do contexto doméstico, sendo que, no decorrer das décadas, houve um crescente aumento das atividades femininas no contexto extra-lar (Bruschini, 1990).

* Doutora em Enfermagem. Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo. Brasil. Email: lakhoga@sti.com.br.

** Doutora em Enfermagem. Escuela de Enfermería, Universidad Nacional Andres Bello. Chile. Email: lumnoz@uach.cl

*** Antropóloga. Valdivia, Chile. Email: emandio@sfu.ca.

Stasevskas (1999) procurou um entendimento do que se pensa sobre o "ser mãe" na atualidade e demonstrou que o sentido atribuído a ele inclui a eternização de ações e sentimentos, a responsabilidade na educação dos filhos, a dificuldade em conciliar tarefas domésticas com as atividades profissionais e a preocupação relativa aos fatores que são vistos como nocivos à relação mãe-filho, sentidos estes inseridos na perspectiva da grande importância atribuída à família. Em sua avaliação, o desejo de ser mãe e como exercer esse papel sofrem influências antigas e que seguem as atuais, porém, a evolução dos papéis sociais desempenhados pela mulher criou um descompasso entre a antiga e atual condição da mulher, com conseqüentes reflexos também no modo de ser mãe.

Friedman (1990) pressupõe que no alcance da efetividade na promoção da saúde da família é essencial a incorporação da perspectiva transcultural como um guia das práticas assistenciais.

Com base nestas prerrogativas e tendo em vista que a figura materna representa e assume um papel fundamental no contexto familiar, realizou-se este estudo transcultural sobre o papel materno na família, com o objetivo de conhecer, descrever e verificar as similaridades e diferenças existentes nos papéis desempenhados pelas mães em famílias de dois agrupamentos culturais distintos, um da Cidade de Valdivia, no Chile e outro da Cidade de São Paulo, Brasil.

FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA ENFERMAGEM TRANSCULTURAL

A enfermagem transcultural objetiva prover uma forma de cuidar que seja sensível e tenha origem nas necessidades das pessoas, suas famílias e grupos culturais. Estes devem ser estudados em profundidade para possibilitar um tipo de cuidado culturalmente congruente (Herberg, 1995). Os conhecimentos são construídos com base em estudos comparativos, para identificar similaridades e diferenças sobre o cuidar e os comportamentos relativos à saúde (Leininger, 1990).

Os estudos transculturais devem partir de entendimentos prévios sobre alguns conceitos que embasem estes conhecimentos. Leininger (1988), define cultura como sendo os valores que vão sendo aprendidos, incorporados e transmitidos, as crenças e normas que guiam as formas de pensar, e, conseqüentemente, as decisões e ações das pessoas de determinado agrupamento cultural.

O ambiente como definido por Herberg (1995), inclui em seu conceito os fenômenos tangíveis e simbólicos que influenciam o desenvolvimento, crenças e comportamentos, e é composto das dimensões física, social e simbólicas. A saúde também é um conceito central, pois a interação enfermeira/cliente se estabelece valendo-se de alguns aspectos da saúde e do cuidado de enfermagem, ambos embasados em determinado paradigma de saúde. O conceito de saúde é amplo e diversificado, e nesta amplitude de conceitos, a autora citada considera importante a compreensão de várias definições e características, não devendo, a priori, ser predeterminada, pois trata-se de um conceito sendo construído e conhecido na relação com a pessoa cuidada. Quanto à pessoa, a autora julga essencial também que a enfermeira pergunte: "Quem é esta pessoa (família, grupo), meu cliente?". A enfermeira que consegue responder a estas questões torna-se, na visão dela, capacitada a desempenhar sua função por meio de formas de cuidar culturalmente congruentes.

Consideradas tais perspectivas, o conceito de enfermagem assume papel primordial no cuidado à família. Leininger (1991) considera ser o cuidado seu foco principal e as formas de cuidar devem ser específicas, segundo os diferentes valores e estilos de vida das pessoas.

METODOLOGIA

Adotou-se a etnoenfermagem (Leininger, 1991) para captar a visão que as próprias mães possuem sobre seus papéis no âmbito familiar. As etapas da pesquisa constituíram-se do processo de observar, participar e refletir (OPR), conforme preconizado na etnoenfermagem. A metodologia foi desenvolvida em duas culturas distintas, o que denominamos como culturas A e B para efeito deste artigo.

Utilizou-se a entrevista etnográfica (Spradley, 1979) com adoção da questão descritiva “Você poderia me dizer como é o seu dia-a-dia como mãe na sua família?”, sendo feita às mulheres das duas culturas. O processo OPR foi desenvolvido por uma das pesquisadoras na cultura A e pela outra na B. Da primeira, participaram nove informantes e em B, 14. Em ambas, duas se tornaram informantes-chave.

As entrevistas foram realizadas no decorrer do ano de 1996, foram gravadas e transcritas na íntegra, com exceção de uma da cultura B, que não aceitou o uso do gravador e solicitou que os dados fossem registrados na forma escrita, opção esta que foi respeitada. Após a leitura das entrevistas, retornou-se às informantes para validação de pontos avaliados como obscuros e, após este procedimento, deu-se início à análise dos dados das duas culturas.

Estes foram analisados segundo Spradley (1980), por meio da exposição apenas da taxonomia dos domínios culturais, opção esta feita em razão de tratar-se de duas culturas, significando uma quantidade grande de relatos. A pesquisa não permite generalizações, e fica restrita aos significados do papel materno nos dois contextos estudados.

As premissas básicas de rigor em pesquisa naturalística foram seguidas, conforme a proposição de Guba; Lincoln (1988). A credibilidade foi avaliada por nós como atingida pelo fato de ambas as pesquisadoras possuírem grande familiaridade, cada qual, com o contexto estudado. A interação contínua e prolongada com pessoas dos contextos culturais estudados, certamente, torna quase inexistente fatores como a necessidade de relatos sem fundamento ou não fidedignos por parte dos informantes, ou os impactos provocados pela presença de um pesquisador desconhecido que podem invalidar a credibilidade da pesquisa.

Quanto à adequação (Guba; Lincoln, 1988), a pesquisa foi feita nos contextos de realização de assistência à saúde das pesquisadoras, na área materno-infantil; temática esta intimamente relacionada com a questão dos papéis exercidos pelas mães na família. A consistência da pesquisa foi buscada por meio do processo OPR “model”. A permanência nestas comunidades permitiu comprovar que os relatos das mães tinham congruência com o observado no cotidiano. Os dados das taxonomias e os temas culturais que emergiram foram confirmados com as informantes-chave (Spradley, 1979).

O consentimento livre e esclarecido das colaboradoras da pesquisa conforme consta na normatização do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 1996) foi obtido de forma verbal, pois à época da coleta dos dados, tal norma ainda não havia sido divulgada para conhecimento da comunidade científica. Observamos que todos os itens constantes na norma foram integralmente obedecidos.

DESCRIÇÃO DAS CULTURAS

A Cultura A é uma comunidade de baixa renda (favela urbanizada), localizada na Cidade de São Paulo, Brasil. A inserção de uma das pesquisadoras nesta cultura ocorreu em 1989, a convite da liderança comunitária local, que solicitou a realização de cursos para gestantes. Em 1995, realizamos um censo, que revelou a existência de 2.152 pessoas, compondo 348 famílias provenientes de várias regiões do país. A maioria delas mora no local há muito tempo, compartilhando o mesmo espaço, as mesmas condições de vida, sobrevivência, acesso ao trabalho, assistência à saúde, moradia, lazer, sendo assim consideradas como constituintes de um universo cultural. Possuem em comum a semelhança quanto à origem e chegada ao local em busca de melhores condições de vida. Estas famílias habitam uma área que já se encontra totalmente urbanizada e desenvolvida pelos últimos governantes municipais. Todas moram em residências construídas em alvenaria ou em edifícios, com infra-estrutura de saneamento básico em funcionamento. Estas famílias são extensas e do tipo nuclear em sua maioria. Em seu cotidiano, as mães ocupam-se dos afazeres domésticos, outras trabalham também fora do lar, predominantemente, em serviços ocupacionais. Algumas são “arrimo” de família como as viúvas, as separadas e as mães sem marido ou companheiro.

A Cultura B trata-se de uma comunidade de baixo nível socioeconômico, cujas famílias são usuárias de um Centro Aberto de Valdivia, para onde as mães levam seus filhos, em razão de fatores de risco identificados pelos profissionais de saúde. O Centro tem 120 crianças matriculadas, com uma média de atendimento em

torno de 100 crianças por dia. As famílias que compõem esta comunidade são, em sua maioria, do tipo nuclear. Vivem em setores periféricos afastados do centro da cidade há muitos anos, compartilhando uma história familiar comum, representada pelo fato de terem sido vítimas de um terremoto ocorrido na Cidade, na década de sessenta. A lembrança dessa tragédia é transmitida por meio de história oral, sendo constantemente relatada em seus discursos. As mulheres descrevem a representação que possuem deste setor na atualidade e a comparam com seu passado. As famílias compartilham um cotidiano de vida comum, como o tipo de trabalho, as práticas religiosas, o acesso a assistência à saúde, estilo de vida, entre outros, condições estas que permitiram considerá-las também como constituintes de um agrupamento cultural. Algumas casas são de alvenaria e outras de madeira e o saneamento básico que provê a comunidade ainda é bastante precário.

A inserção de uma das pesquisadoras na cultura B ocorreu pelo fato de ter permanecido durante alguns anos neste Centro, desenvolvendo atividades de ensino e assistência em puericultura, o que foi determinante e facilitador para o estabelecimento de uma relação empática com estas mães que se prontificaram ser informantes do estudo.

TAXONOMIA DOS DOMÍNIOS CULTURAIS

A análise dos dados das duas culturas revelou a existência de grande similaridade entre elas, nos vários âmbitos da temática "papal materno na família". Optou-se pela apresentação das taxonomias dos domínios culturais, cujos conteúdos representam ambas as culturas e, na sequência, os temas culturais correspondentes a cada cultura são descritos. Apesar da grande semelhança existente nos dados que compõem as taxonomias, os temas culturais que representam a fase de maior abstração na análise dos dados (Leininger, 1991), revelaram diferenças que aparecem de forma sutil e que foram possíveis de captar por meio das entrevistas e do processo OPR.

TAXONOMIA 1 - OS ATRIBUTOS DO PAPEL MATERNO NA FAMÍLIA

Manutenção da ordem doméstica	olhar por tudo
Estabelecimento de horários para	o sono, as refeições, da escola, das brincadeiras, da televisão, dos passeios, de voltar para casa, das tarefas domésticas
Realização de tarefas domésticas	cozinhar, fazer compras, lavar e passar roupa, arrumar casa, tomar conta da casa, manter ordem das coisas
Sensação de cansaço	por ter que se dividir para cumprir tantos papéis
Doação	de amor para todos
Compreensão	em relação a tudo e todos

Os dados desta taxonomia revelam que as mulheres das duas culturas dedicam-se, primordialmente, ao cumprimento do que consideram o seu papel, ou seja, fazer de tudo para dar um bom encaminhamento à rotina doméstica e manter a dinâmica familiar cotidiana sob controle. Relatam que se sentem cansadas por precisarem dar conta de tantos afazeres domésticos, associados às preocupações com o devido encaminhamento dos filhos, nos diversos âmbitos, como a manutenção de uma conduta social que é considerada apropriada, como a orientação aos fatores relacionados ao futuro deles. Estas atividades as mães assumem como sendo sua responsabilidade.

Algumas diferenças quanto a detalhes das tarefas domésticas, desempenhadas pelas mães, foram observadas, diretamente relacionadas às condições de habitação e de acesso aos bens materiais. Por exemplo, muitas mães da cultura B não possuem fogão à gás e, portanto, devem sair em busca de lenha para cozinhar e manter um estoque da mesma em casa, tarefas estas desempenhadas apenas no agrupamento cultural B.

TAXONOMIA 2 - AS FORMAS DAS MÃES AGIREM EM RELAÇÃO AOS FILHOS

Tomar cuidado para	dar bom encaminhamento na vida dos filhos, não envolvimento com brigas e drogas, que eles não decepcionem os pais
Dar	coisas materiais na medida do possível, carinho e atenção, ajuda em todos os sentidos
Aconselhar	em tudo o que for necessário
Orientar	religiosidade e espiritualidade, tarefas escolares, firmeza de conduta, de pensamento e as escolhas
Transmitir valores	morais, de decência, sociais (namoro, casamento e constituição familiar)
Vigiar	comportamento, amizades, companhias
Estar sempre à disposição dos filhos	
Preocupar-se com tudo	integridade física, manutenção da virgindade (moças), futuro profissional, estudo, não discriminar os filhos apesar das diferenças individuais
Servir como	base, exemplo, guia, caminho para a felicidade
Recriminar e castigar quando necessário	
Manter a ordem e a autoridade	
Prevenir gravidez indesejada (filhas) e uso de drogas	
Sonhar sempre em poder ajudar	
Priorizar necessidades	
Estimular potencialidades, aptidões inatas, destrezas manuais	
Proteger os filhos mais fracos e as fraquezas individuais	
Estabelecer diferenças nas atitudes e comportamentos de filhas e filhos	

Os dados desta taxonomia revelam também que o papel central desempenhado pelas mães em relação aos filhos está representado pela preocupação e trabalho materno que objetivam o direcionamento dos filhos para uma trajetória de vida sem desvios, seja para a marginalidade, drogadição, entre outros. Neste sentido, as mães estão constantemente atentas e fazem o que estiver ao seu alcance para que os filhos consigam um futuro melhor.

Algumas diferenças sutis nas formas destas mães agirem em relação aos filhos, podem ser observadas entre as duas culturas e uma delas também está diretamente relacionada às condições socioeconômicas. Observa-se que na cultura A, as famílias encontram-se relativamente melhor e mais estabilizadas no aspecto financeiro, as mães estão preocupadas com a manutenção de um padrão de vida e de outros requisitos afins, que lutaram e conseguiram conquistar ao longo de suas vidas, como a própria moradia e os benefícios decorrentes desta, que contribuem para a felicidade de sua família. Na cultura B, percebe-se que as mães encontram-se ainda em um processo de luta árdua pela conquista de melhor qualidade de vida, de obtenção de alguns bens materiais, como um fogão a gás e melhores condições de habitação e de saneamento básico para suas famílias.

TAXONOMIA 3 - CARACTERÍSTICAS DAS ETAPAS DA CRIAÇÃO DOS FILHOS

Infância (muita dependência)	priorização do cuidar, menos trabalho para controlar, mais facilidade para lidar, muita necessidade de cuidados (banho, alimentação, atenção, saúde, tarefas escolares, higiene, acompanhamentos gerais na casa, rua, escola)
Adolescência (dependência)	mais trabalho para controlar, dificuldade de controle sobre os filhos, mais dificuldade para lidar, mudanças no relacionamento, tentativa de acompanhamento sob todos os aspectos
Adulta (independência)	sensação de impotência, maior dificuldade de controle sobre os filhos, priorização ao aspecto profissional e situação econômica dos filhos, formação de novos vínculos familiares pelos filhos

Em ambas as culturas, observou-se que as mães sentem diferenças quanto ao papel que desempenham na criação dos filhos, de acordo com a fase da vida em que eles se encontram.

Na infância, sentem que seu papel como mãe é fundamental, pois as crianças encontram-se ainda em uma fase de muita dependência em relação à sua dedicação e cuidados. De certa maneira, demonstram grande satisfação pelo cuidado dos filhos ainda pequenos, pois percebem a importância de seu papel na família, enquanto cuidadora pelas tarefas cotidianas, incluindo, o cuidado com os filhos.

Notam que, com o passar dos anos, quando os filhos entram no período da adolescência e depois na fase adulta, vão se tornando cada vez menos dependentes. O fato faz com que elas se sintam, em certo sentido, esvaziadas em seu papel, muito embora permaneçam com os cuidados do lar e preocupações relativas ao aconselhamento e direcionamento dos atos de seus filhos, sobre os quais sentem que vão perdendo cada vez mais o controle. Algumas têm dificuldade para lidar com esta condição, pois até, recentemente, seus filhos encontravam-se praticamente sob seu total controle.

Tais fatos fazem com que o relacionamento entre pais e filhos venham adquirir características diferenciadas da época da infância deles, desta vez com maior participação dos filhos nas decisões familiares, associadas à sensação de impotência ante algumas questões como dificuldade de controlar a vida dos filhos adolescentes e adultos. O domínio materno sobre os filhos vai se tornando cada vez menor, conforme eles vão constituindo seus próprios núcleos familiares. Em ambas as culturas, observa-se que os filhos formam suas famílias nas redondezas ou nas próprias adjacências da casa materna, quando o espaço geográfico assim o permitir.

TAXONOMIA 4 - OS ATRIBUTOS DO PAPEL MATERNO NA SOCIEDADE

Obrigação de assumir lugar na sociedade quando não possuir marido	o papel de pai, batalhar pelo futuro e pela sobrevivência
Atendimento de expectativas	bom desempenho do papel, firmeza no papel, manutenção de imagem idealizada, ser modelo para os filhos, formar filhos que sejam bons para a sociedade, sentimentos de mãe, felicidade pelo êxito alcançado pelos filhos

Quanto ao papel materno exercido na sociedade, percebeu-se nas entrelinhas das conversas mantidas com as mães de ambas as culturas, que elas se sentem muito mais cobradas em relação ao pleno desempenho de suas funções, e associam esta cobrança moral e julgamento mais acentuado por parte da sociedade pelo fato de serem pobres.

As preocupações relativas à luta pela sobrevivência estão presentes em ambas as culturas, porém é uma questão que se salienta mais na cultura B, em razão das condições mais precárias observadas nesta

comunidade. Em ambas, observa-se a presença de sentimentos positivos, representados pela felicidade demonstrada pela dedicação à boa condução do cotidiano doméstico e cuidado dos filhos, esfera esta em que se observa grande capacidade de adaptação por parte das mães diante das novas situações enfrentadas e a sensação de realização pessoal, pelo desempenho de seu papel junto à família.

Ao mesmo tempo, convivem com sentimentos negativos decorrentes dos aborrecimentos ocasionados com árdua rotina diária. Enfrentam uma sensação de infelicidade e se frustram quando se deparam com a falta de boas expectativas para o futuro de seus filhos. Por vezes, são dominadas pelo estresse conseqüente ao cansaço físico resultante do cumprimento das inúmeras tarefas. Sentem-se resignadas e, em algumas situações, oprimidas e humilhadas por necessitarem de ajuda de terceiros.

OS TEMAS CULTURAIS

O conjunto dos elementos constituintes dos componentes das taxonomias foram permeados pelos traços do grande papel de mãe exercido no seio da família em ambas as culturas. Assim como se observou as grandes similaridades existentes entre ambas, visualizadas nos conteúdos das taxonomias, nos temas culturais observou-se também a existência de grande semelhança que revela a essência do que representa o papel materno nas duas culturas.

Na cultura A, emergiu o tema cultural "Tomar conta para os filhos irem bem na vida" e na cultura B, o tema "Salir adelante", o que pode ser traduzido por "Ir em frente e avançar" representando a expressão idiomática desta cultura, por meio da qual as mães percebem e compreendem o papel materno na família. Para este universo cultural, o "salir adelante", implica um reconhecimento de que o papel envolve vontade, sacrifício, luta e obrigações para cumprir as metas que se tem proposto para os filhos, fazendo "sacarlos adelante" ou fazê-los superar as adversidades que se apresentam no cotidiano para a sobrevivência.

Embora se perceba que a essência dos temas culturais revele-se muito semelhante, nota-se, assim como ocorreu nas taxonomias, que existem diferenças ainda que pequenos entre eles que avaliamos como resultantes das condições socioeconômicas desiguais, ou de uma diferença no grau de pobreza em que se encontram as famílias dos dois contextos.

Na cultura A, as mães estão sempre "tomando conta para os filhos irem bem na vida", isto revela que as mães já se encontram, de certa forma, mais estabilizadas no aspecto socioeconômico, pois já conseguiram conquistar muitos bens, como uma moradia construída em alvenaria, com saneamento básico. Os papéis destas mães, embora continue difícil, possui características mais suaves se comparado ao das mães da cultura B, que por assim ser, preocupam-se em conservar aquilo que já foi conquistado por sua família, como a integridade física, moral e as condições de vida já alcançadas. Uma mãe desta cultura revela: "O meu papel de mãe é me preocupar, em relação ao comportamento, é ir tomando conta, tomar cuidado para os filhos irem bem na vida... É ir cercando para não virarem ovelha negra... A mãe vai cuidando, conservando, para na cabeça da gente, eles irem bem ..."

As mães da cultura B encontram-se ainda em fase de luta por melhores condições de vida, com conseqüentes reflexos no desempenho de seu papel materno. O "salir adelante" revela, portanto, uma batalha constante na busca de um futuro mais promissor a elas e a seus filhos.

Na seqüência, serão descritas as partes que compõem o tema cultural em ambas as culturas, cuja essência mantém-se, buscar a felicidade dos filhos, mas que diferem, de forma sutil e na proporção direta das diferenças socioeconômicas características de cada contexto cultural, conforme percebido nas entrelinhas das entrevistas.

Observamos que as mães assumem o papel da pessoa constantemente preocupada e zelosa pela felicidade dos filhos. Esta inquietação e cuidado traduzem-se como uma atenção permanente em relação a tudo que envolve uma família, em especial, os filhos, tanto no aspecto material como no humano. Estes papéis são aprendidos pela menina desde a infância e encontram-se, portanto, profundamente incorporados pelas mães de família nas duas comunidades. Tais funções são consideradas como suas e são cumpridas quase como uma obrigação, não se permitindo falhar em nenhuma delas, pois isto causaria sensação de culpa por não exercer pleno papel.

Esta sensação de obrigação para com o desempenho de seus múltiplos papéis, faz da mãe uma figura ocupada ou preocupada com algo, pois ela é concebida como uma pessoa central e essencial no seio da

família. Tal incumbência, por outro lado, faz com que exerçam o cotidiano repleto de afazeres e preocupações com tudo e com todos.

As observações do cotidiano de suas vidas, na condição da pobreza, permite-nos afirmar que as mães chegam a se abster de muitas necessidades como alimentos, vestuário, cuidados de saúde, higiene mental, entre outros, para favorecer o bem-estar dos seus, sobretudo, dos seus filhos. A energia materna visivelmente direcionada ao bem estar deles, faz com que fiquem em inércia em outros aspectos como os relativos à sua própria saúde física e mental. Muitas sofrem de depressão, violência intrafamiliar, acidentes domésticos, esgotamento, entre vários outros problemas. Relatam que, em alguns momentos, a vontade delas se esgota, porém, pela auto-imposição do dever a ser cumprido, recarregam-se e cumprem o que julgam ser sua obrigação.

Pode-se afirmar que o lugar importante que o papel materno ocupa na hierarquia de valores, destas culturas, associa-se às restrições impostas pela baixa condição socioeconômica e quase ausência ou impossibilidade de aspirações quanto aos aspectos de realização individual e profissional. Há indícios de que a realização no papel materno constitui-se em uma de suas grandes aspirações de vida, e tomam para si a responsabilidade por todos os atributos necessários ao direcionamento correto dos filhos, pois isto espelhariam, de certa forma, o próprio êxito pessoal.

O fato se sobressai no caso das mães solteiras, que tomam para si o desafio do pleno êxito na trajetória dos filhos, que consideram como produto do bom desempenho de seu papel materno. Este se apresenta para muitas delas como um duplo fardo, pois somam-se às responsabilidades pelos atributos considerados característicos do papel paterno. As informantes que são mães solteiras, expressam com orgulho o fato de estarem vencendo batalhas da grande luta, ou seja, a criação dos filhos sem a participação paterna. Afirmam que as cobranças quanto ao papel materno se exacerbam pelo fato de serem solteiras. Elas são muito mais cobradas quanto aos padrões morais e de conduta pessoal, além do pleno desempenho no papel materno e a luta pela sobrevivência. Tal situação constitui-se em um fardo maior para suas vidas.

O controle sobre os diversos horários mostra-se como uma norma rigorosa, pois dele depende o cumprimento de tantos papéis. Desta forma, a limpeza da casa deve ser feita de manhã para seguir à tarde com a manutenção e outras atividades domésticas. Em meio a estas atividades, estão sempre cuidando da vigilância dos filhos, em todos os aspectos que estiverem ao alcance delas.

A sensação de obrigação se reforça, pois sabem que o papel de vigilância que desempenham é vital para a sobrevivência dos filhos. Elas têm a sensação de que se deixarem de cumpri-la, o perigo, as desgraças ou as coisas ruins transformar-se-ão em uma ameaça maior à família e aos filhos. As vielas, as esquinas, os atalhos, os lugares obscuros, o rio também são percebidos como lugares perigosos, chamativos da desgraça.

Quanto ao papel materno nas diferentes etapas do ciclo familiar, percebe-se que o seu desempenho possui variados graus de autonomia, conforme é revelado por uma mãe que afirma: "O papel de mãe numa família vai mudando, conforme as crianças vão crescendo, qualquer roupa que eu colocava nela, ela não se importava... agora já não é mais assim fácil" (mãe da cultura A).

Para o cuidado dos filhos na infância, percebe-se seu papel como fundamental, pois avalia-os como dependentes de seus cuidados, pois eles necessitam de sua dedicação, tanto em termos qualitativos como quantitativos destinados à sua atenção e vigilância.

Na fase da adolescência, avaliam que eles continuam com certo grau de dependência, porém, nesta fase associam-se algumas dificuldades, conseqüentes às mudanças próprias da adolescência. Os pais e familiares sofrem um grau maior de tensão em razão de maiores dificuldades para controlá-los e vigiá-los. Por outro lado, a etapa caracteriza-se pela ocorrência de mais motivos de satisfação, já que existe um acompanhar o mútuo, passatempos comuns e a realização de tarefas domésticas em conjunto com seus filhos, especialmente, com as filhas. Quando os adolescentes permanecem na escola e conseguem seguir os estudos, sua missão como mãe é vista satisfatoriamente, pois é um sinal de que sua luta está dando resultados. O fracasso escolar, os hábitos indesejáveis como o alcoolismo, o tabagismo, uso de drogas, problemas com a polícia, a ociosidade dos filhos adolescentes significam o seu oposto, pois estes eventos sinalizam a ocorrência da desgraça e fracasso no seu desempenho como mãe e mulher.

Seu papel é percebido como mais independente no cuidado dos filhos quando estes já são adultos, porém a preocupação com eles nunca termina. Quando os filhos constituem uma nova família, existe a falta de comunicação e escuta em muitos casos, já que como adultos, encontram dificuldade no controle dos seus espaços.

As características do papel materno vistas como obrigação delas em se preocupar com os filhos, referem-se à luta pela sobrevivência cotidiana. Quando superam este desafio e conseguem que eles cheguem à vida adulta são e sem grandes desvios de comportamento socialmente reprováveis, sentem-se satisfeitas pela missão cumprida. As expectativas são, portanto, ser modelo para seus filhos e entregá-los para a sociedade como pessoas de bem, com um bom desempenho de seus papéis, na vida pessoal, familiar e social.

O papel materno é percebido com sentimentos variados como mãe e dona de casa. Como mães, sentem satisfação pelo comportamento dos filhos; alegria e segurança por permanecerem sempre em casa, pois acreditam que assim previnem desgraças, afastando-os dos riscos de violência, tabagismo, alcoolismo entre outros. Como donas de casa, a felicidade, que é mencionada como uma individualidade em seus discursos, é representada pelo apego a casa e a família.

A generalidade do universo cultural B não tem rotinas de relações sociais como visitas e saídas, salvo as práticas religiosas. Assim elas expressam: "São muitas as coisas pelas quais você mesma pode se encarregar estando em casa, pois aqui assegura-se que as coisas estejam bem. Mesmo que seja cansativo por todas as preocupações e coisas que há para fazer, quando se faz uma divisão adequada do tempo que se tem para viver para levar as crianças para a frente, para assim sentir-se recompensada". "Subo pelas escadas da vida ao ver que os filhos estão bem, depois de "salir adelante", esta é a minha única tranquilidade, o que me permite estar contente" (mães da cultura B).

Estas maneiras de pensar, sentir e atuar refletem a visão de mundo das mães da cultura B, que está permeada pela desesperança de seu papel, ao "saírem adiante" a cada dia, trazendo grandes satisfações e harmonia pessoal.

Na cultura A, por sua vez, existe uma grande relação de parentesco e compadrio e o principal passatempo das mulheres, além de assistir à televisão e escutar o rádio são as conversas com as vizinhas, amigas e parentes. Quanto à religiosidade, cada família respeita a religião de seu vizinho e dos próprios parentes. Pode-se dizer que existe um convívio pacífico e respeitoso das opções religiosas de cada uma.

As mulheres de ambas as culturas sentem também que se adaptam ao papel de donas de casa, aceitando-o e resignando-se à sobrecarga de trabalho que ele significa. A grande maioria manifesta vários sentimentos negativos frente a estas tarefas, como no caso do aborrecimento pelas rotinas, o sofrimento pelo estresse e pelo cansaço, a frustração pela falta de expectativas pessoais, o que as levam a um estado de resignação. Quando têm companheiro, apresentam sentimentos de opressão, assumem um papel secundário e de humilhação por dependerem do "outro" para pedir dinheiro e serem incompreendidas e rebaixadas nas tarefas que desempenham.

Em meio a esta realidade de vida, difícil na cultura A, e com um fardo socioeconômico geral maior na B, estas mães sentem que quanto mais tempo puderem passar com os filhos será melhor, já que logo eles crescerão e formarão suas famílias, época em que a relação mãe-filho já não será a mesma. Acreditam, porém, que assim é a lei da vida, e lutam a cada dia porque é desta forma que se sentem bem e realizadas, dentro de suas perspectivas e possibilidades.

A COMPREENSÃO DO PAPEL MATERNO E O CUIDAR SÓCIO-CULTURAL

Este estudo objetivou compreender e descrever as similaridades e diferenças existentes nos papéis desempenhados pelas mães em famílias de dois agrupamentos culturais e permitiram a construção de um conhecimento sistematizado sobre como é o dia-a-dia delas nas duas culturas. Este é um tipo de conhecimento considerado fundamental à enfermagem transcultural.

A constatação da essência do que representa ser mãe ou a pessoa que tudo faz em prol da busca da felicidade dos filhos, é muito semelhante nas duas culturas. As diferenças sutis que se apresentam nessas culturas latino-americanas, relacionam-se primordialmente às condições socioeconômicas e nos permitem fazer algumas reflexões e recomendações.

A essência do ser mãe, ou a proteção da prole diante do perigo, traduzida como sendo o instinto materno, é apontada por Stasevskas (1999) como uma questão bionaturalista e constitui o traço mais remoto e primitivo da maternidade. Avalia, entretanto, que é uma exigência dura cobrada das mães, às quais é negado o direito de ter sentimentos antagônicos ou contrários à perfeita dedicação, proteção e amor aos filhos.

A sutileza percebida entre as diferenças existentes no papel materno, diretamente relacionadas com a situação de vida e sobrevivência, reforçam nossa convicção de que em toda e qualquer forma de assistência a ser desenvolvida junto à família, deve-se considerar, além das crenças e valores culturais propriamente ditos, as condições socioeconômicas em que se encontram, pois são fatores em íntima inter-relação.

Há que se considerar que estas condições afetam diretamente a questão do acesso à saúde, até mesmo aos públicos, sobretudo, em momento anterior à própria procura por um serviço de saúde. Neste aspecto, ao programar uma ação de saúde junto às comunidades carentes, há que se considerar que nem sempre estas pessoas possuem uma veste que avaliam como sendo adequada para se apresentar frente aos profissionais de saúde. No contexto da pobreza, deve-se ter sempre em mente que as pessoas que vivem nesta condição compõem um segmento que vive na marginalidade social e todas as consequências inerentes a ela, como a estigmatização crônica a que estão submetidas em seu cotidiano de relações sociais mais amplas, desde a infância, com seus reflexos na socialização primária (Berger; Luckmann, 1966), afetando-as em nível emocional, com marcas indeléveis em sua auto-estima.

Santos (1996) evidencia que as mães das classes populares sofrem conflitos e contradições, porém a questão da sobrevivência impõe-se como o seu problema crucial. Assim sendo, avalia ser imprescindível que o enfermeiro reconheça tais conflitos e contradições o que requer sensibilidade e desarmamento valorativo, e o cuidado com atitudes profissionais etnocêntricas. Exemplifica que, por detrás de um quadro de descaso e abandono no cuidado, pode estar escondida uma luta pela manutenção das condições materiais de vida.

A alta complexidade de fatores e problemas envolvidos nesta questão são difíceis de solucionar, pois dependem de um desenvolvimento social mais amplo das próprias localidades, regiões, países e das relações internacionais. Em âmbito local, as condições de vida das famílias necessitam ser consideradas em primeira instância, e serem consideradas em todas as demais ações relativas à promoção de sua saúde.

Acreditamos que os programas, como "saúde da família", que vêm sendo desenvolvidos em algumas regiões da Cidade de São Paulo, sejam iniciativas positivas, que vão ao encontro das necessidades das comunidades e, portanto, merecem ser ampliados para outras regiões da cidade e do País, visto que neste sistema de atenção à saúde os próprios profissionais dirigem-se às famílias e conhecem de fato a realidade de vida dos que assistem.

Com base nos dados que conseguem captar, os profissionais deste programa planejam a assistência de acordo com as reais necessidades e possibilidades dos usuários. Além disso, começa a surgir um grande vínculo com as famílias, bem como a relação hegemônica entre ambos, frequentemente presente nos contatos profissional/cliente que ocorrem nas instituições de saúde. Esta, entretanto, é amenizada quando a assistência se dá no ambiente familiar. Estabelece-se então, a possibilidade prática de atendimento às reais demandas e necessidades dos usuários dos serviços de saúde. Esta forma de assistência é sugerida por Barnard (1998), ao acrescentar que a assistência no âmbito familiar facilita a comunicação, pois se dá na linguagem da própria família e a relação possibilita reduzir ansiedades, resolver conflitos e adaptar a realidade, pois há uma combinação entre a visão dos profissionais e dos membros da família.

O estudo revelou também que a mãe é uma figura essencial na família, é centralizadora de toda a dinâmica familiar, em todos os seus âmbitos. O fato assume grande importância e deve ser levado em consideração, quando se trata da assistência à saúde da família. A mãe é a pessoa que se responsabiliza pela produção da saúde no seio da família, pois conforme os dados de ambas as culturas estudadas é ela quem provê os cuidados com a alimentação, higiene, bem-estar geral de seus membros e de sua saúde mental. Facchini (1995) parte do pressuposto de que o trabalho produz e reproduz a vida de indivíduos e sociedades e as mulheres, ao organizarem e desenvolverem o trabalho materno doméstico, estão cuidando do desenvolvimento da humanidade e da reprodução da sociedade.

As atividades a serem desenvolvidas como promoção e educação à saúde, devem levar em conta estes dados e destinar à mãe ou a pessoa que desempenha este papel, o principal foco de atenção, pois ela é a figura multiplicadora das ações de cuidado à saúde no âmbito familiar. Conforme demonstrado no estudo, a luta pela sobrevivência e por melhores condições de vida constitui-se no âmago das preocupações das mães. Assim, o cuidado com a saúde caminha paralelamente, porém ocupa um lugar secundário na lista de prioridades. Em meio a esta realidade, consideramos que os profissionais de saúde podem atuar de algumas formas como, por exemplo, na alta demanda da área de saúde mental destas mulheres, amplamente demonstrada nesta

pesquisa. A adoção de técnicas de comunicação terapêutica (Stefanelli, 1993), dando uma oportunidade para que mulheres possam expor suas angústias, poderiam trazer benefícios para o bem-estar destas mães, e por conseguinte, o de sua família.

A sobrecarga física e mental e seus reflexos na saúde da mulher é uma questão que deve ser levada em consideração em todos os estratos da sociedade. Médici (1989) analisa ser cada vez mais freqüente o número de famílias lideradas por mulheres, estando, de acordo com o censo de 1997, na faixa de 24,9% o total de famílias brasileiras chefiadas por mulheres, que em sua maioria eram separadas, divorciadas, desquitadas ou mães solteiras.

Stasevskas (1999) acredita que o ser mãe na atualidade requer um comportamento caracterizado pelo alto grau de exigência, o que a seu ver desumaniza-a pois lhe são negados e desprezados todos os sentimentos que não sejam altruísticos. Para ela, o "ser mãe parece representar algo que deve ser bom" e portanto, o sacrifício e a doação devem fazer parte de seu perfil. O conjunto de papéis desempenhados pelas mães, sobretudo quando elas não têm companheiro para dividir responsabilidades torna o seu cotidiano duro de viver.

A criação de espaços comunitários e, também, nas instituições de saúde, para a promoção do bem-estar físico e mental, com conseqüente ampliação do campo de visão destas mães, também é forma de promover sua saúde. Muitas possibilidades podem ainda ser visualizadas, cabendo a cada equipe profissional a devida adequação. Gomes (1994) sugere que os profissionais devem buscar dar ênfase as possibilidades da família e aos recursos que elas possuem, tirando o foco da atenção das incompetências e dificuldades por ela apresentadas.

Pesquisar no contexto naturalístico indica-nos muitas áreas que devem ser bem conhecidas no grande tema "saúde familiar" como, por exemplo, a gravidez na adolescência e na mulher solteira, relacionamento dos adolescentes com a família, uso de drogas, alcoolismo, problemas presentes que afetam a felicidade familiar e para os quais se deve dar prioridade na atenção.

Ao assistir a família, devemos ter autocrítica constante e capacidade para discernir situações. Precisamos nos abster da tendência a priorizar o "fazer por", porque muitas vezes a necessidade está mais para ouvir e estabelecer relacionamento terapêutico com a pessoa/família. Concordamos com Rutman (1996), que considera essencial revermos criticamente e reformularmos nossas definições sobre o "cuidar", "trabalho cuidativo" e todos os elementos constituintes do "dar cuidado". Devemos legitimar aspectos do dar cuidados que muitas vezes permanecem invisíveis, mas trazem grandes benefícios às pessoas.

ABSTRACT: The maternal role in the family was studied. The objective was to understand and describe the similarities and differences about the maternal role in two cultural groupings, one of the City of São Paulo, Brazil, and other of the City of Valdivia, Chile. The ethnonursing research method was adopted, as proposed by Leininger. The observation-participation-reflection process was carried out in several opportunities in which the interaction of researchers and mothers occurred in their social and familiar context. The cultural theme was "To take care for children go well in the life" and "go forward". These cultural themes reveal the essence of maternal role in two cultures: the search of happiness for children. The results and its implications on culture care are discussed.

KEY WORDS: Mothers; Family; Cross-cultural comparison; Anthropology cultural.

RESUMÉN: Es un estudio transcultural sobre el rol materno en la familia. El objetivo fue la comprensión y la descripción las similitudes y diferencias existentes en los roles desempeñados por las madres en las familias de los dos universos culturales, siendo uno de ellos la Ciudad de San Paulo, Brasil (A) y el otro de la Ciudad de Valdivia, Chile (B). Los datos se presentan en taxonomía de los dominios culturales, en los cuales se observó una gran similitud. Los temas culturales fueran "Preocupacion para que a los hijos les vaya bien en la vida" (A) y "Salir adelante" (B). Estos temas culturales revelan la esencia del papel materno en las dos culturas, que se traduce por la búsqueda de bienestar y felicidad de los hijos. Las diferencias sutiles percibidas en los temas culturales reflejan la realidad socio económica distinta, vivida por las madres en cada contexto estudiado. Los resultados son discutidos a la luz de la Teoría del Cuidado Cultural y sus implicancias para el cuidar en enfermería.

PALABRAS CLAVE: Madres; Familia; Comparación transcultural; Antropología cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BARNARD, K. E. The developing family: how is it doing with nurturing young children? *Can.J.Nurs. Res.* v. 30, n.3, p. 7-12, 1998.
2. BERGER, P.L.; LUCKMANN, T. *The social construction of reality*. Garden City, NY : Doubleday, 1966.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996: Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em seres humanos. *Mundo Saúde*, v. 21, n. 1, p. 52-61, 1996.
4. BRUSCHINI, M.C.A. Crescimento e crise: trabalho das brasileiras, paulistanas e nordestinas de 1970 a 1985. *Ci. Cult.*, São Paulo, v.42, n. 3/4, p. 226-47, 1990.
5. BRUSCHINI, M.C.A.; ROSEMBERG, F. (Org.). *Trabalhadoras do Brasil*. São Paulo : Brasiliense, 1982, p. 9-22.
6. FACCHINI, L.A. *Trabalho materno e ganho de peso infantil*. Pelotas : Universitária, 1995.
7. FRIEDMAN, M.M. Transcultural family nursing: application to latino and black families. *J. Pediatr. Nurs.*, Philadelphia, v. 5, n.3, p. 214-22, 1990.
8. GOMES, H.S. Educação para a família: uma proposta de trabalho preventivo. *Rev. Bras. Cresc. Des. Hum.* v.4, n.1, p. 34-9, 1994.
9. GUBA, E.G.; LINCOLN, Y.S. *Effective evaluation*. 6.ed. San Francisco : Jossey Bass. 1988. cap. 5, p. 85-127.
10. HERBERG, P. Theoretical foundations of transcultural nursing. In: ANDREWS, M.M.; BOYLE, J.S. *Transcultural concepts in nursing care*. 2.ed. Philadelphia : J.B. Lippincott, 1995. cap.1, p. 3-48.
11. LEININGER, M.M. *Culture care diversity & universality: a theory of nursing*. New York : National League for Nurs., 1991. cap.2, p. 73-118.
12. _____. Ethnomethods: the filosofic and epistemic bases to explicate transcultural nursing knowledge. *J.Transcult. Nurs.* v.1. n.2, p.40-51, 1990.
13. _____. Leininger's theory of nursing: cultural care diversity and universality. *Nurs. Sci.*, v.1, n.4, p. 152-60, 1988.
14. MÉDICI, A.C. Mulher brasileira: muito prazer. In LABRA, M.E. (Org.). *Mulher, saúde e sociedade no Brasil*. Petrópolis : Vozes, 1989. cap. 5, p. 71-117.
15. MUNÓZ, L.A.G.; RECKMANN, A.; ALBERDI, M. Programa de enfermería en salud familiar y comunitária: fundamentos y experiencias de investigación. *Rev. Chil. Cs. Méd. Biol.*, v.5, n.1, p. 11-7, 1995.
16. RUTMAN, D. Caregiving as women's work: women's experiences of powerfulness and powerlessness as caregivers. *Qualit. Health Res.* v.6, n.1, p. 90-111, 1996.
17. SANTOS, B.R.L. Relações familiares e identidade de gênero: uma contribuição para a assistência de enfermagem à família em expansão. *Rev. Gaúcha Enf.*, Porto Alegre, v. 17, n.2, p. 92-99, 1996.
18. SPRADLEY, J. *Participant observation*. New York : Holt, Rinehart and Winston, 1980.
19. _____. *The ethnographic interview*. New York : Holt Rinehart and Winston, 1979.
20. STASEVSKAS, K.O. *Ser mãe: narrativas de hoje*. São Paulo, 1999. 168p. Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo.
21. STEFANELLI, M.C. *Comunicação com paciente: teoria e ensino*. 2. ed. São Paulo, Robe, 1993.
22. WEISS, H.B. State family support and education programs: lessons from the pioneers. *Amer. J. Orthopsychiat.*, v. 59, n.1, p. 32-48, 1989.